

ARTESANATO DA PRINCESA DO SUL



Páginas 2 e 3.

ENTREVISTA



CAIS DO RIO PARNAÍBA



Editorial

Um grande desafio nos foi lançado: produzir a revista Cais Cultural, que é feita inteiramente por nós, alunos. Logo de cara, tivemos que pensar em algo que despertasse o interesse tanto em nós mesmos quanto nos leitores, a fim de que o máximo de informações sejam absorvidas, valorizando tudo aquilo que estivera em nosso alcance. Felizmente, concluída esta terceira edição, você vai conhecer um pouco sobre o artesanato local de Floriano – PI, os principais pontos turísticos da cidade e uma proveitosa entrevista com o professor doutor do curso de licenciatura em ciências biológicas UFPI/Campus Floriano Alyson Luiz Santos de Almeida. É extremamente gratificante estar à frente deste brilhante projeto, acumulando conhecimento que futuramente fará a diferença. Tenha uma excelente leitura.



A arte de CRIAR

A técnica de transformar a matéria-prima bruta em peças únicas por meio da destreza do trabalho manual atrai turistas dos mais diversos locais pela diversidade dos produtos. Assim, trabalhos de vários artesãos aquecem a economia e o turismo local nas diversas cidades do Piauí, em especial, o município de Floriano.

A cidade está localizada a 128km da capital piauiense, Teresina, e tem uma contribuição grandiosa para o enriquecimento da cultura do estado. O artesanato produzido registra o cotidiano da cidade e seus diversos pontos turísticos, com produções em argila e madeira talhada.

A cidade ganha destaque em um evento realizado anualmente na capital: Casa Piauí Design. A exposição é uma oportunidade que abre portas para artesãos de diversos estados para troca de experiências. A mostra é uma realização do Serviço de Apoio as Micros e Pequenas Empresas (Sebrae/Seção Piauí) e conta com o apoio do governo do estado, por meio do Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (Prodoart)

Um dos grupos de trabalho que se destacam é a Cooperativa de Artesãos do Curtume (Cooargila), voltada para a comercialização de trabalhos oriundos da argila. Essa cooperativa foi fundada em 1932 por meio de trabalhos realizados por Pedro Oleiro. Desde então, muitas pessoas resolveram juntar-se a ele para dar início ao seu sonho de transformar a argila em arte. Essa técnica ganhou a adesão de várias pessoas, inclusive familiares, e passou de geração para geração.

A Cooargila, hoje, é dirigida pela dona Maria das Mercedes, casada com o bisneto do fundador. A extração da argila é feita manualmente pelos membros da cooperação. “Durante muitos anos, a



gente tirou o sustento da venda dos produtos feitos com a argila. Hoje é só um complemento de renda, porque o artesanato está desvalorizado”, conta a atual presidenta da associação.

Na sede da cooperativa, os visitantes têm à disposição uma variedade não apenas limitada à argila, mas também para a produção de artesanatos com base em outros materiais como: biscuit, madeira talhada e tecidos. Essa cooperativa tem seus produtos espalhados por diversos pontos turísticos da cidade, como o Teatro Maria Bonita, localizado na região central do município, bem como na sede do Grupo Escalet de Teatro, onde, todos os anos, é encenada a Paixão de Cristo, tema da primeira edição da Revista Cais Cultural.

A cooperativa está localizada na Rua José Olegário, 8, bairro Curtume. Funciona todos os dias, das 9h às 18h. O telefone para contato é (89) 99402-0162. ▲

Expediente

CRIAÇÃO E CONCEPÇÃO
LPT e 3º ANO DO ENS. MÉDIO

REPORTAGEM
JOÃO VITOR
JULIANA SILVA
LETÍCIA BEATRIZ
LIARDE SILVA
RAFAEL MATOS
VITÓRIA ELEN
WELITON JÚNIOR

ENTREVISTA
LUCIAANA SOARES

FOTOGRAFIA
MATHEUS OLIVEIRA

REVISÃO
RIBAMAR JR.
DENISE TAMAE
DANIELLE RÊGO
SANDRO XAVIER

DIAGRAMAÇÃO
ROMANO ROCHA

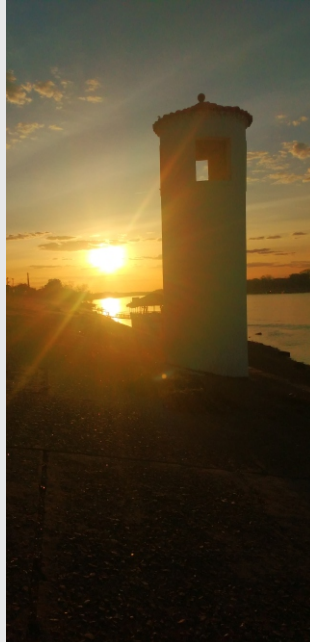
CONTATO
caisculturalctf@gmail.com
89 98125-8251

Editora da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
espaço Rosa dos Ventos - Ininga
CEP: 64.049-550 - Teresina Piauí

PERIODICIDADE
Trimestral



NOSSO CAIS

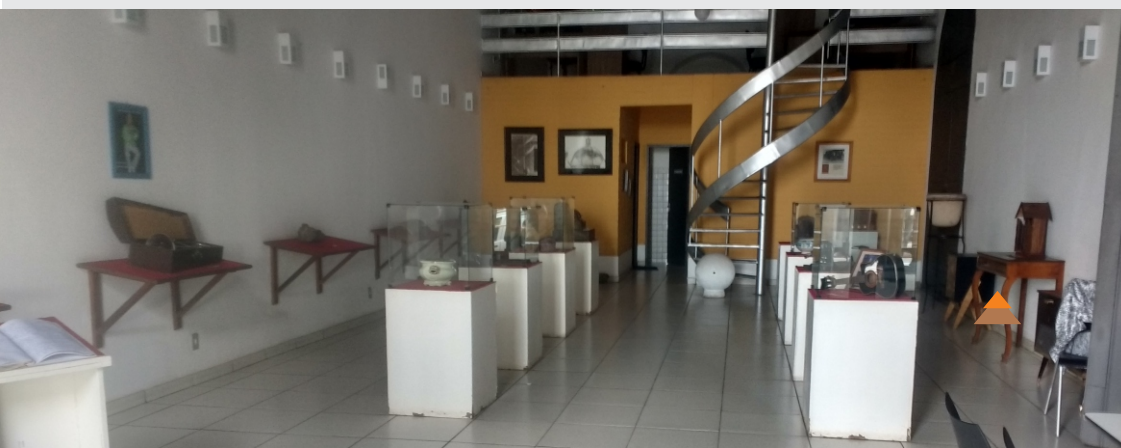


O cais do Rio Parnaíba, no município de Floriano, encontra-se na região central da cidade. Apesar de localizar-se na área urbana, percebe-se o contato direto da população com a natureza. O Rio Parnaíba, fonte natural, era também centro de embarque e desembarque de mercadorias, no século 20, através das grandes embarcações que por lá passavam. No entanto, no decorrer do tempo e com a modernização dos meios de transporte, a atividade passou a ser substituída por algo mais prático, os veículos terrestres.

A Beira Rio tem um charmoso calçadão com bares e restaurantes que ficam lotados durante a noite. Os bares e os frequentadores veiculam músicas em seus aparelhos de som para a noite ficar ainda mais agradável. Quando as águas do Rio Parnaíba baixam, surgem praias artificiais em suas margens, onde os habitantes de Floriano e Barão de Grajaú, cidade maranhense que faz limite com a Princesa do Sul, desfrutam como áreas de lazer.

O rio ainda serve de transporte de pessoas, motocicletas, bicicletas e mercadorias entre as duas cidades, por meio de embarcações rudimentares. Essa travessia é um atrativo para os visitantes que viajam tranquilamente, vencendo as águas amareladas do Rio Parnaíba, que, com seus 100m de largura, separa, por toda extensão do rio, os estados do Piauí e Maranhão, desemborcando no segundo maior delta das américas, o Delta do Rio Parnaíba, na cidade de Parnaíba, litoral piauiense.

Durante o carnaval, o cais se transforma no palco do desfile de blocos carnavalescos, em que milhares de pessoas de Floriano e foliões de todo o Brasil brincam durante quatro dias de carnaval, mais um potencial turístico da cidade. Em uma visita mais acentuada, as pessoas podem conhecer o Espaço Cultural Maria Bonita, onde também está instalado um pequeno museu com peças raras e informações históricas sobre Floriano, aberto, gratuitamente, para visitação do grande público, de segunda a sexta, das 8h às 13h. ▲



DICAS



FOTO: GOOGLE IMAGENS

Lúcifer

Entediado com a vida nas trevas, o diabo se muda para Los Angeles, abre um piano-bar e empresta sua sabedoria a uma investigadora de assassinatos.

Intocáveis

Philippe é um aristocrata rico que, após sofrer um grave acidente, fica tetraplégico, precisando de um assistente. Dentre os candidatos, ele resolve contratar Driss, um jovem problemático que não tem experiência em cuidar de pessoas na sua condição. Aos poucos, ele aprende a função, apesar das diversas gafes que comete. Philippe, por sua vez, se afei  oa cada vez mais a Driss por não tratá-lo como pobre coitado. Aos poucos a amizade entre eles se estabelece, com cada um conhecendo melhor o mundo do outro.

Vidas Secas

A obra de Graciliano Ramos conta a história de uma família pobre da Região Nordeste do Brasil, e sua luta diária por trabalho e comida para sobreviver e superar as dificuldades do ambiente   rido em que vive.

SERIADO

FILME

LIVRO



CAIS CULTURAL ENTREVISTA

A revista Cais Cultural conversou com o professor do curso de licenciatura em ciências biológicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI/Campus Floriano), Alyson Luiz Santos de Almeida.

Cais Cultural: Por que o senhor escolheu estudar um curso da área ambiental? O que lhe motivou?

Alyson Luiz: Porque eu já me identificava com o mundo das ciências biológicas e também porque acreditava que não teria condições de passar no vestibular para cursos mais concorridos. Engano meu, pois me subestimei. De qualquer forma, agarrei com unhas e dentes a oportunidade de estudar sobre a vida.

CC: Como surgiu esse interesse pelas causas ambientais?

AL: Surgiu em função, justamente, da minha formação. Dentro do curso de biologia, eu me deparei com muitos assuntos diferentes que me chamaram a atenção, e por ser uma disciplina integradora, (a biologia) que faz com que nós percebamos no mundo.

CC: O senhor desenvolve algum projeto em Floriano? Se sim, como surgiu essa ideia?

AL: Sim, eu desenvolvo um projeto de produção de mudas na estufa do Campus que tem a colaboração dos professores, alunos e servidores da instituição. Esse projeto surgiu justamente a partir da necessidade de termos algo assim por aqui. Não conseguimos fazer na sala o que fazemos aqui (estufa): pôr a mão na massa, na terra. Também existem muitas áreas livres no campus de Floriano da UFPI que precisam ser mais bem aproveitadas. Então, por que não aproveitá-las de forma que beneficie a nós e a comunidade, parte externa à UFPI? Também desenvolvo um projeto de arborização que tem o objetivo de trazer uma melhoria no clima da instituição e da cidade. Ambos os projetos se complementam, pois, com a estufa, posso pôr em prática o projeto de arborização, que é meu principal objetivo.

CC: Você teve uma inspiração ou tem como referência outros projetos bem-sucedidos nacional ou internacionalmente?

AL: Sim. Como eu acompanho documentários, reportagens, e vejo que as pessoas, isoladamente, têm produzido plantas e doado a seus amigos e vizinhos, arborizado praças e outros espaços públicos mal utilizados pelo país, isso me chama muita atenção. Eu quero citar o engenheiro agrônomo Harri Lorenzi por ele ter desenvolvido um belo projeto em Nova Odessa – SP, o Instituto Plantarum e o Jardim Botânico. Ele tem mudado a realidade nessa cidade. Recomendo a todos conhecerem.

CC: Quais são os desafios que o senhor enfrentou e/ou tem enfrentado em relação ao projeto?

AL: Hoje, o principal desafio é escrever o projeto de extensão relacionado com a estufa. Outra grande barreira é a quantidade de pessoas dispostas a ajudar, trabalhando na produção e cuidando das plantas, pois o cuidado tem que ser diário. Especialmente nesta época mais quente e seca do ano. A questão material também é um entrave que estamos começando a superar. Temos conseguido doações de materiais e a UFPI tem adquirido materiais recentemente. Estamos avançando.

